

Rey Sarney

Homenagem de Cristóvão Paes

Se há uma coisa que pode deixar a nós, brasileiros e brasileiras, satisfeitos é saber que, decididamente, podemos contar com aquele que há de ser nosso futuro rei, o grande presidente maranhense. Seu conterrâneo Gonçalves Dias, poeta como (permite-me desde já tratá-lo assim) S. M., escreveu, acerca do Homem Forte, palavras que se ajustam como uma luva à nossa figura real: ... "modesto varão constante e justo/ pensa e medita nas lições dos sábios/ e nos caminhos da justiça eterna/ gradua firme os passos". E "pode a calúnia denegrir seus feitos,/ negar-lhe a inveja o mérito subido" que S. M. não se perturba e, com a energia e competência que recebeu por graça divina, vai em frente com a sua "coroa de cinco anos", visão aberta para "o social" e para o futuro! E, além de tudo, que equilíbrio! O mesmo homem que sabe — declarou-o a um deputado-reporter — que os brasileiros não conhecem o tempo, não sabem esperar e querem que tudo aconteça do dia para a noite, esse mesmo homem que, por seu lado, conhece o tempo e sabe esperar, vai transformar o País em dois anos e meio (enquanto seu mandato presidencial não se transforma em sagradação real)! No que vai transformá-lo, ainda não se sabe bem (mesmo porque o duque Bresser Pereira ainda não apresentou seus planos) — mas isso é irrelevante diante dos sonhos miraculosos daquele que, sendo poeta, é um possesso dos deuses, como o Ion platônico, pronto a arrancar demigamicamente desse nada que somos nós, contribuintes, os bilhões de dólares e cruzados para a sua obra ciclópica.

De um lado, *homo artisticus*, ele cria os Marimbondos de Fogo (não sei se os de S. M. são marimbondos ou maribondos, pois eu, pobre de mim como de todos nós, nunca pude ler um verso do nosso exelso vate real), insetos incendiários que povoam a nossa cultura; de outro, *homo sapiens* e *homo faber*, ele realizará a façanha siderúrgico-ferroviária, numa prestidigitação majestática: cria o "conteúdo siderúrgico" e o instrumento ferroviário para carregá-lo (e tudo isso ba-ra-tís-simo, pela porcaria de uns cinco bilhões de dólares e pedrada)! E imagine-se, somada a essa obra maravilhosa e a outras que farão do Maranhão e adjacências o reino da utopia do século XXI, a igualmente futura realização do barão de Querécia, com o seu trem-bala, do Rio a Araraquara (de cuja importância estratégica ninguém duvida), bem como as maravilhas projetadas na mente superior do conde Cardoso, nas Gerais (nem é preciso saber quais são, pois nascidas em tal mente só poderão ser o que serão) — imagine-se tudo isso e perceber-se-á porque podemos ficar tranquilos e confiar!

Afastado de muito das lides jornalísticas, mas encantado e literalmente (quase diria literariamente) arrebatado pelas nossas perspectivas futuras, achei de meu indeclinável dever compor uma modesta canção (ou a letra de uma canção), que certamente não é digna do nosso poeta real, mas que é a homenagem que posso prestar, em nome dos brasileiros e brasileiras, a esse grande brasileiro que, rei por mérito, certamente o será de

jure, se a Constituinte, conforme a proposta do deputado Cunha Bueno, restaurar a monarquia. Naturalmente com a ressalva de que só pode tratar-se da monarquia absoluta, com as devidas providências teológicas para que ela venha, em seguida, a ser de direito divino. Assim, sua majestade de fato, rei do decreto-lei, passará a majestade de força e direito (divino), para a felicidade geral da Nação (da Nação e não danação, como uns poucos ignaros e invejosos, além de sediciosos, tratarão de ler).

Agora, sob o signo do Cruzado, nessa cruzada de redenção pátria, vou, sem mais demora, passar à minha pálida homenagem poética de pé-quebrado, a S. M. A canção, uma vez musicada, deverá ter, entre as estrofes, o seguinte estribilho: "Ney, Ney, Ney, Sarney é nosso rei!"

A ele todo o poder, que ele é Lei!"
Agora, finalmente, a CÂNCÃO DO REI SARNEY:

"Não sei se custa mil,
não sei se custa milhão:
o que eu sei é que eu quero
o meu trem do Maranhão.

O que urge é coisa 'úrgica'
(garanto co'a Academia,
que quando eu falo não pia).
E o que mais urge no Maranhão,
custe milhão ou bilhão,
do que usina siderúrgica?

O Juscelino era o autor
dos cinqüenta anos em cinco.
Na metade dos meus cinco,
verão que ele era amador.

Detroit, Manchester — isso é pouco,
Dusseldorf pode botar:
no meu plano nada louco
Maranhão vai superar.

Pra minha São Luiz-Atenas
levo até a Academia,
a ciência e a sabedoria —
e tudo isso, para mim, é apenas.

Apenas na minha metade,
nos meus dois anos e meio,
vou fazer minha vontade
e não hei de fazer feio.

Na minha corte estipulo:
quem tem olhos que os feche
ou faço dele escabeche
e depressinha o engulo.

Brasileiros e brasileiras:
agora vai tudo no grito!
Sigam as minhas bandeiras,
quem discordar está frito.

Eu, o grande Sarney,
vou ser a fonte de tudo.
Quem não gostar, fique mudo
pois Eu — e Eu só — sou a lei.

P.S — O conde Cardoso, das Gerais, já externou, desde que receba compensações, o seu apoio à monarquia sarneyca.